PATEADAS

AO CIDADÃO LIBERAL;

RINDO COM A SUA SANFONA

DOS

CORCUNDAS PORTUGUEZES;

E

CONTRA-BASSO EM RESPOSTA

Á SANFONA.

D. E O.

AOS SEUS AMIGOS

A. P. S. Junior.

COIMBRA,

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE,

1823.

Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam
Viribus, et versate diu quid ferre recusent,
Quid valeant humeri.

HORAT. *Art. Poet.* (a)

A'

AMISADE.

Vale mais do que um Reino um bom Amigo:
Se o Monarcha o não tem, é sempre pobre;
No Mundo maior bem não se descobre:
Que é Throno sem perigo
De um fiel coração o doce abrigo.

(a) Talvez eu não seguisse este conselho de *Horacio*; pelo que peço desculpa aos Leitores.

DISCURSO PRELIMINAR.

RAizes bastantemente profundas deitou a pestilente Arvore do Jacobinismo Maçonico no nosso Portugal; estas se arreigárão no coração de um sem numero de homens, que arrastados pela impetuosa e negra corrente da desmoralização, com que são regadas, já descaradamente fazião ostentação de serem tidos e conhecidos por incensadores e Proselytos da Maçoneira; persuadindo-se, que jámais se arrancaria das mãos o Regio Sceptro e redeas do Governo aos seus insignes e famosos Heresiarchas.

Assim julgando-se soberanamente seguros, procuravão todos os meios de pôrem em practica aquelles planos, que ha muito se havião traçado nas suas horrendas cavernas. O riscarem para sempre da face da terra a Moral, era o seu primario intento. Mil impios escriptos pois se forjárão, tendentes a desarreigar do coração dos Povos a Religião de nossos Pais, figurando-a cheia de Fanatismo e sanguinaria. Para mais coadjuvarem seus intentos, fazem de si muito estimadissimos varios vocabulos, com o apparato dos quaes parece que o homem, desapercebido da trama, se ufana

de prazer, e se ensoberbece com o seu aformosêo: *Liberdade*, *Independencia*, *Igualdade* são os famosos termos, excogitados para mais facilmente caírmos nos seus preparados laços.

Pintão-nos com horror frases e expressões as mais tremendas e feias; *servidão*, *tyrannia*, *cadeias*, *jugo*. Dizem, que com mãos bemfazejas nos querem alliviar do peso dos males, que nos opprime; pois que o *Despotismo* nos tem subjugado, e tem usurpado direitos, que são proprios de nós mesmos, arrebatando a Soberania, que ao Povo só pertence, por quanto o Poder dos Soberanos não é provindo da Divindade, mas sim do pacto e convenção dos Povos; que por isso elles nos vão rasgar o véo, que tem vendado nossos olhos, e dar-nos a conhecer qual é a verdadeira filosofia, que devemos adoptar, para garantidos serem nossos direitos, e sermos *livres*, *iguaes* e *independentes*; felicidades, que só guiados pela *Luz*, que delles dimana, possuiremos.

Eis como a malicia e a soberba, que em seus peitos habita, trajada com roupas á apparencia candidas, encobrem o veneno, que depois vem a entornar, quando se vêem collocados no cume elevado, a que aspirão subir.

O falso esplendor da *Igualdade* se torna em sombras, que de repente se escondem;

calcada aos pés apparece toda a nossa grandeza, reduzidas a cinzas as campinas da nossa liberdade; e lá se descobrem todavia os ferretes, que hão de sellar nossa escravidão; o estrondo dos ferros se ouve por toda a parte, e uma alluvião de males cáe sobre nós.

Adeos, Religião, adeos, Patria, Throno e Gloria. Nada és, nada somos; nossa existencia politica por momentos finaliza; os vinculos sociaes se dilacerão.

E o mais é, que todas estas desgraças deviamos soffrer em o mais profundo silencio; pois se algum rompia em suspiros e lagrimas, era *Corcunda*, e logo injustamente punido, privado de seus direitos, obrigado ou a mendigar, ou a tomar o duro peso dos ferros, ou a deixar para sempre seus Lares, sua familia e seus amigos.

Ainda mesmo suffocando as lagrimas publicamente, era insultado aquelle homem, em quem se via, ou mesmo parecia reluzir uma, posto que pequena, faisca de Moral, e que mostrava de alguma sorte afêrro á Causa do Altar e do Throno. O canal da Imprensa Livre é o meio, de que lanção mão; e foi por este, que *F. J. B.*, Auctor do folheto intitulado *O Cidadão Liberal rindo com a sua Sanfona dos Corcundas Portuguezes*, insultou todas as Jerarchias da Nação, appéllidando os individuos, que as formão, de *Cor-*

cundas, *Hypocritas*, *Tyrannos* e *Despotas*; unindo a estas expressões mil vilissimas chufas, que tanto desacreditão seu A.

Póde-se dizer a respeito da Lei da Imprensa Livre o que HORACIO na sua *Arte Poet.* disse a respeito da Comedia antiga:

Successit vetùs his Comoedia, non sine multa
Laude. Sed in vitium libertas excidit, et vi
Dignam lege regi. Lex est accepta, corusque
Turpiter obticuit, sublato jure nocendi.

Depois veio a Comedia antiga, e honroso
Applauso dos ouvintes mereceo.
Mas a licença em vicio e força deo,
Que pedio de uma Lei o justo freio.
Esta Lei desejada em fim veio,
E o Côro, de morder assim privado,
Ausente emmudeceo envergonhado.

INTRODUCÇÃO.

NAs moradas horrendas, onde habita
O negro Maçonismo, atroz, perverso,
Houve grande barulho n'uma noute,
Que de assás tenebrosa horror causava.
Fez elle écho no Averno, e até chegou
Lá onde as Furias tem os seus Palacios.
A par d'ellas estava impia Discordia,
Os cabellos de serpes enlaçados,
Com touca ensanguentada, que lhos prende,
Thisifone (*a*) ahi estava; mas turbada,
Sacudindo a cabeça, as cobras larga;
Toma nas sua mãos a negra facha,
Que a todos horroriza, e desafia
Todos, que alli estavão; de repente
Um vestido, que tinto está de sangue,
Toma, veste e se cinge da infernal
Enroscada serpente; parte assim.
Luto, medo, pavor e a vil loucura
Apoz d'ella caminhão; treme o Tartaro.
As Eumenides partem ás mais juntas

(*a*) Thisiphone canos, ut erat turbata, capillos
Movit, et extantes dejecit ab ore colubros.
Nec mora; Thisiphone madefactam sanguine sumit
Importuna facem, fluidoque cruore rubentem
Induitur pallam, tetroque cingitur angue,
Egrediturque domo: luctusque comitatur euntem
Et pavor, et terror, trepidoque insania vultu.

OVID. L. 4 *Metham.*

(Seus nomes referir eu não me atrevo (*a*),
Porque o espanto e o temor de mim se apossão).
Ellas correm raivosas, dando brados,
Que tudo horrorizavão, murchão plantas,
Sobre que se pousárão os seus pés,
Inda que na carreira vão ligeiros.
Chegárão finalmente ao sitio torpe,
Habitação d'um filho dellas mesmas.
Dirigem-se ao Salão. O Maçonismo
Horrenda vara de enroscadas viboras
Tinha na dextra mão, que deita em terra;
Correndo pr'a abraçal-as livremente.

A causa ellas perguntão do barulho,
E logo lhes foi dito: que os Confrades,
Querendo submetter ao ferreo jugo
D'homens Nobres o collo, achárão nelles
Constancia portentosa de maneira,
Que á força de lutar lhes foi mais facil
Ficarem Corcundaes, que dar-lhe o collo (*b*);

(*a*) . . . Nominare haud audeo
Eumenides, quae istum pavore territant.

Eurip. *in Orest. Traged.*

(*b*) Custa-me achar a razão, porque os anti-constitucionaes erão chamados *Corcundas;* porém a meu ver nenhuma outra se accommoda mais, do que a indicada nestes cinco versos. Mais bem desenvolvida, vem a ser, que erão chamados *Corcundas* aquelles homens nobres e honrados, que conhecendo as malignas e perversas tenções, e quaes os fins, a que os pretendidos *regeneradores* encaminhavão a sua idolatrada *constituição*,

Que elles perros bramavão, se mordião;
Porém que já por fim em paz estavão.
As Furias, inteiradas do successo,
Os animos socegão, lá dispondo,
P'ra que a noute passassem divertidas,
Varios bailes, londuns e contradanças.

A chusma se juntou dos Liberaes (a),

---

ou já desde todo o seu principio a não quizerão jurar, ou depois bramavão contra o Governo Constitucional, apezar mesmo de sacrificarem suas vidas, bens e direitos.

(a) Como os esturrados Constitucionaes se appellidavão ufanos de *Liberaes*, desejava saber a noção, que elles ligarião a este vocabulo. Eu sei, que a Liberalidade é uma virtude preciosa, que se cultiva nos jucundos campos da generosidade; virtude de tanto preço e valor, que diviniza o ser, que a possue e rouba para elle as attenções de todos; é pedra de cevar, segundo a expressão de *Cicero*, que attrahe os corações: virtude, que como disse *Artaxerxes*, referido por *Plutarcho*, deve acompanhar aos Principes. Mas se eu volteio para os Constitucionaes, não lhe sei fazer applicação alguma destas ideas. Onde se conheceo a liberalidade delles, senão em serem por extremo generosos em nos enviarem acerbos males? Vio-se por ventura, que algum d'elles fosse de mãos tão largas, como foi o Senhor D. Pedro I., que tanto exercitou esta virtude, recommendando quando o vestião, que lhe deixassem as mangas á vontade, para poder livremente usar das suas liberalidades! Sim; nós vimos, mas forão arqueadas unhas usurpando-nos o proprio sustento, deixando-nos a morrer de fome. Fez algum o que fazia o tão generoso e liberal *Cimon*, insigne Capitão Atheniense, que nas Quintas, que possuia fóra de Athenas, mandava, que ou fosse de noute, ou fosse de dia estivessem as portas de par em par, para que todos podessem dellas colher quanto quizessem; e que queria,

Dando pulos, risadas e cabriolas:
E Sanfona tocou com muito applauso
Um homem Liberal de mil costados.
Por fim de toda a festa o tal sujeito
Estalado londum tocou, cantando
Modinhas, que agradárão á assembléa,
Mil risadas soltando assás contente.
Ordenanças, Caudeis, Inquisição,
Monachaes, os Abbades, os Cabidos,
Magistrados, Fidalgos tudo, tudo,
App'lidou de *Corcundas*, desbocado
Discursos vomitando deshonestos,
Dicterios insultantes e vís chufas,
De que usão Andaluzos, d'esta casta
Outros muitos Macacos linguareiros.

Mas um certo sujeito, que espreitando
Esteve a festa toda, sem ser visto,
Deo tantas pateadas, que os assusta.
Não podendo conter-se, um Rabecão
Vai depressa afinar, e toca n'elle
As peças Musicaes, que aqui se seguem.

---

que as mesas em sua casa estivessem sempre postas, e iguarias preparadas para os que quizessem entrar a comer? . . . Nada disto vimos, e só rapina, os insultos e a vileza descubrimos. Se elles ao menos esta virtude possuissem, captivarião facilmente nossas vontades, como *Cimon* aos Athenienses, que o seguião como Oraculo, e como *Pericles* aos mesmos, que chegava a dizer, que quando elle orava, tinha a Deosa da Persuasão debaixo da lingua, para persuadir quanto queria. Eis os effeitos da liberalidade, apreciavel virtude, totalmente desconhecida dos esturrados constitucionaes, que se appellidão *Liberaes*.

PATEADAS

AO RISO I.

Ordenanças.

1.

JA' ha tempos, que sem cordas
Tenho ao canto o Rabecão;
Porém agora afinado
Está prompto pr'a funcção.

2.

Ora lá vai um Adagio
Em Alamiré menor;
Se á Sanfona não agrada,
Tocarei outro melhor.

3.

Mas quer agrade, quer não,
Principio se dê á peça;
Lá vai a primeira arcada,
Pois que o Adagio assim começa.

4.

Em torpe taça o veneno
Da fatal maledicencia
Bebeste, homem Liberal,
Calou-te a alma e a consciencia.

5.

Dos caminhos te apartaste,
Que trilha um homem de bem;
Negras estradas seguiste,
Que a maldade longas tem (*a*).

6.

Incensador da vileza,
Que de infames toma cultos,
Teus creditos, a tua honra
P'ra sempre ficão sepultos.

7.

Que te importava a Ordenança
P'ra tanto a sevandijares?
Mas ah! mudarão-se as sortes
A teu respeito em azares.

(*a*) O Imperador *Tito*, que tanto foi estimado dos Romanos, que por isso mereceo o honroso titulo de *Delicias de Roma*, foi bem contrario a esta especie de homens; apenas elle tomou as redeas do Governo, condemnou logo a desterro todos os maldizentes e murmuradores. D'entre elles havia em Roma dois mais escandalosos, os quaes mandou vender por Escravos, degradando-os depois de toda a Italia. Com effeito são os maldizentes, segundo se expressava o mesmo *Tito*, a peste domestica das Republicas, e ruina dos Imperios. Diz *Plutarcho* de *amic. et adul.* a respeito d'elles, que é aviltado desejo o quererem vestir-se daquelles retalhos, que cortão das galas e vestidos dos outros, e quererem formar as azas, sem merecimentos, das pennas, que furtão ás azas dos benemeritos; por quanto as azas nestes são de nascimento, e naquelles são desiguaes; daqui vem necessariamente acontecer, que sejão *Dedalos* no intento, e *Icaros* despenhados na ruina. Eis aqui uma carapuça, que serve bem ao A. das *Risadas*.

8.

As fardas (que dizes) verdes
Cor de venha a nós-Esp'rança;
Se tornárão a vestir;
Vê quão breve é a mudança.

9.

As Ordenanças tornárão
Organizar-se de novo;
Desta parte da Nação
Seu util conheço e louvo (*a*).

10.

Não é pouco o que devemos
Aos desvelos da Ordenança;
Em lances bem perigosos
Tem mantido a segúrança.

11.

Fallem os tempos fataes
Do tremendo Bonaparte;
Digão se em Lysia tal gente
Foi util em toda a parte.

12.

Não era Harpia, nem Despota
O Senhor Capitão Mór;
Homem rico de ordinario,
Que não quer o pobre suor.

(*a*) A necessidade das Ordenanças não deixou de ser conhecida pelos mesmos Constitucionaes, mas querião Ordenanças *Constitucionaes*, e não das eras dos *Affonsos*, como lhe chamavão, e filhas daquillo, a que em todo o caso chamavão *Despotismo*; por isso se instituirão as *Guardas Nacionaes*.

13.

Honrados conheço muitos,
Doce amparo da pobreza;
Dos seus Povos bem olhados
Pelo seu porte e nobreza.

14.

Que em balança pesão recta
Supplicas de cada qual,
As razões a par da Lei,
P'ra fazer justiça igual.

15.

Que finalmente não são
Da vil sucia dos Mações;
Porque, se o fossem, serião
Mui requintados ladrões.

16.

Mas aos taes se dêo nas trombas,
Que foi bem fatal transtorno!
Agora nos dedos chupem,
Rôão a ponta d'um c . . . . . (a)

(a) Diz o A. das *Risadas* neste Riso, *Quadr.* 15.

Tinha Comadres arteiras
Mestras no santo suborno,
Que acarretavão mil peitos;
Tem hoje a ponta d'um c . . . .

É por isso que invertendo o sentido, appliquei aos seus Amigos quasi a mesma expressão.

17.

Levão ao Capitão Mór
Os doces mimos da terra ;
E se os não quer acceitar
O desprazer lhes faz guerra. (*a*)

18.

Mas á sucia Liberal
Levão pragas de presente:
Bons lombos azurragados ;
Agudo e afiado dente.

19.

Foge, esconde-te p'ra longe,
Vai viver como cobarde ;
E faz embora insensato
De Liberal inda alarde.

20.

A todos chama *Corcundas*,
As Ordenanças insulta:
Ser Corcunda foi ter honra,
Dos Liberaes planta inculta.

(*a*) Quem tem tido residencia nas Aldêas, sabe, que os Povos, havendo ahi quem ponha um lenço ao pescoço, o tomão por seu Padrinho, chamando *soberbões* áquelles, que o recusão. Desvelão-se os Povos em lhe dar o melhor mimo de suas fazendas, e se o não acceitão, ficão descontentes, e se tem por desprezados. Isto, que assim se observa entre os Aldeões, é o que de ordinario succede com os Capitães Móres.

AO RISO II.

Caudelarias.

1.

UM Andante seis por oito
Em D lá sol ré maior
É a peça, que se segue,
Que tocarei com primor.

2.

A respeito dos Caudeis
Está a Sanfona afinada,
Mas de certo ha de tremer
Ao estrondo da minha arcada.

3.

Não se dobrão, são direitos
Os nobres Caudeis honrados;
Não tem medo dos sarcasmos,
Por Liberaes vomitados.

4.

Nem que Cavallos houvessem,
Querias, de lançamento;
Pois ficando tu sósinho,
Seria raro portento.

5.

Haveria nova raça
D'Arithmetico saber, (a)
E de ingratos a campana
Iria a velha tanger. (b)

(a) Dizem que nos tempos da Rainha *Isabel* na Corte de Inglaterra apparecêra um Cavallo de engenho tal, que escrevendo-se um numero arithmetico, e querendo-se saber o valor delle, perguntando-o ao Cavallo, começava a bater com o pé no chão tantas vezes, quantas fossem necessarias para completar o numero. Isto pareceo cousa tão grande ao então Principe de Portugal *D. Manoel*, que prometteo ao dono grande premio, para que lhe descobrisse o modo, com que o Cavallo fazia aquella operação. *Tam pulchra est visa excellentissimo Principi Portugalliae Emmanueli haec bruti industria, ut sibi magistro interposito honorario devinxerit, et secretum extorserit, quod Bruxellis posteà mihi communicavit.* CARAMUEL *na Theolog. Fundam.* Lib. 2. pag. 573.

(b) Nos tempos antigos contra os ingratos se fulminou a Lei de que quem quizesse accusar outro de tal crime, fosse tanger uma campainha, que em resguardado sitio se achava para este fim; ao toque d'ella se juntavão os Senadores, que tinhão a seu cargo esta Repartição, e sentenciavão immediatamente, segundo o genero da ingratidão. Certo homem, tendo-se servido de um Cavallo por longo tempo, apênas o vio estropeado, velho e inutil, o lançou fóra; entrando o Cavallo no pateo de uns pardieiros para buscar a sombra e comer uns viçosos cardos, estava nelles embaraçada a corda da campainha, de maneira que assim que lhes tocou com os dentes, começou ella a tanger. Acudírão os Senadores; mas acharão-se com o Cavallo; mandárão inquirir do senhor, e o obrigárão a que o sustentasse, como se tivesse forças para o seu serviço. *Mandarunt illi cum gravi interminatione, ut equum*

6.

Chiton . . . e sustente o signo ;
Que tem aqui caldeirão ;
Ora vá lá outra arcada ,
Zurre mais o Rabecão.

7.

As decisões Liberaes
Olhão da parte do avêsso ,
E mofavão os Caudeis
Dos debates do Congresso. (*a*)

---

suum ad se reciperet , eique pabulum praeberet , neque aliter tractaret , atque si adhuc esset integer viribus , et ad laborem aptus. Mayolo *Tom. 5. Colloq.* 1. *de Dignit. homin.* Estas historias , ainda que referidas por verdadeiras , eu as tenho por Contos da Carocha : entretanto tira-se d'ellas uma moralidade util ; e daqui se talha uma guapa Carapuça , que eu sei não deixa de servir ao A. das *Risadas*.

(*a*) A respeito dos Caudeis diz a *Sanfona* :

Maldizem nosso Governo ,
As nossas Cortes praguejão ;
E com dicterios picantes
Os seus Decretos motejão.

Mofão dos longos debates
Do nosso sabio Congresso ,
E as decisões Liberaes
Olhão da parte do avêsso.

Não forão só os Caudeis , que mofárão , forão todos os homens de senso , pois

Gastavão-se dias
Em cousas de nada ,
Par'cia o Congresso
Mera cavalhada.

8.

Pegaste por boa ponta;
Elles erão *Corcundões*;
Mas mofavão do Congresso
Todos que não são Maçoes.

9.

Se mofavão os Caudeis,
Quem teve inspecção de Bestas (a);
É por que não erão livres,
E não tinhão *T* nas testas.

10.

Para que o Reino tivesse
Famosas Cavallarias
P'ra seu serviço e defeza,
Houverão Caudelarias. (a)

Corressem moedas, enchesse-se a bolsa, o mais era tudo zero: quantas moedas não custou á Nação o *tope Constitucional?* . . . Em fim

Par'cia o Congresso
Tropa de tarecos,
Hospital de Orates,
Dança de bonecos.

PARABENS AOS PORTUG.

Com effeito bem Hospital de Orates pareceo, quando se tractou do desterro da nossa Augusta Rainha.

(a) É expressão, de que usa a *Sanfona*:

Mas que se póde esperar
Da raça de gentes d'estas?
Que Patriotismo ha de ter
Quem teve inspecção de Bestas.

(b) É o que se colhe da Introducção do Regimento Novo da Criação dos Cavallos de 23 de Dezembro de 1692.

11.

Um Regimento se fez,
Que as multas determinava;
Obrigações e deveres,
Que tudo a bem regulava. (*a*)

12.

A ter as Egoas de Lista
Nem todos são obrigados,
Mas só os que tem pastagens,
E são ricos e abonados. (*b*)

13.

O que tinha muitas Egoas
P'ra lavoura, ou creação,
Podia ter seu tambem
Cavallo p'ra a cubrição. (*c*)

14.

Desta sorte não pagava
A pensão ao Cavalleiro,
Já não era dos Caudeis
Este Creador foreiro.

15.

Int'ressados íão todos,
Cavalleiro e Creador;
Pois ou tinha em lucro a Cria,
Ou pensão á seu favor.

(*a*) E o Regimento, que na Nota antecedente se declara.

(*b*) §. 4 do dito Regimento.

(*c*) §. 8 do mesmo.

16.

Eu á vista de tudo isto
Que beneficio á Nação
Se fez descubrir não posso
Na sua vasta extincção.

17.

Se como no tempo antigo
Fallassem os animaes,
Em sua lingua os Cavallos
Dirião aos Liberaes:

18.

« Tantas ídas e venidas,
» Tantas voltas e revoltas;
» Nada util e proveitoso,
» E só pataratas soltas. » (*a*)

(*a*) Applica-se aqui bem a Fabula 57 de *Thomaz Yriarte* = a *Doninha* e o *Cavallo*: =

Certo dia uma Doninha
Um alazão vio andar,
Que docil á espora e redea,
Se adestrava em galopar.
Vendo-o fazer movimentos
Tão velozes e a compasso,
Deste modo lhe fallou
Com muito desembaraço:

Meu Senhor,
Do primor,
Ligeireza
E destreza
Não me espanto,
Que outro tanto
Sei fazer, *e talvez mais*;

19.

Assim é pois na verdade,
Nada vimos de proveito;
Vimos só a vís mandões
O Luso Imperio sujeito.

20.

Cala-te, homem Liberal,
De o ter sido te envergonha,
Antes que alguem uma albarda
Nesses teus lombos te ponha.

Eu sou viva,
Sou activa,
Eu rodeio,
Eu passeio;
Se careço
Subo e desço,
Nem estou quieta jámais.

O passo deteve o potro,
E com todo o serio seu
Nestas palavras seguintes
A' Doninha respondeo:

Tanta idas
E venidas,
Tantas voltas
E revoltas,
Quero, amiga,
Que me diga
São de alguma utilidade?
Meu afão
Não é em vão;
Sei fazer
Meu dever,
E em abono
De meu dono
Luz a minha habilidade.

O que eu quero concluir desta Fabula no presente caso, não é muito custoso de perceber; e se o é, adivinhem.

AO RISO III.

Inquisidores.

1.

Este Andante é magestoso;
Vai em G, mas G menor;
Verá nelle o Sanfonista,
Que não sei tocar de cór.

2.

Os senhores meus amigos
Esturrados Liberaes,
Fallando-se em Santo Officio
Despedem urros fataes.

3.

Pállidos, agonizantes,
Os seus olhos encovados,
A côr livida e da morte;
Té espumão desesperados.

4.

« É composta toda a Igreja
De Hypocritas, tyrannia; »
São os Liberaes Sermões, (a)
Filhos da pedantaria.

(a) Quem lesse os papeis Liberaes, achará isto uma verdade.

5.

Contrarios á nossa Lei,
Chamão tudo fanatismo
O que tende a conservar
Entre nós o Christianismo.

6.

Affectão de humanidade
E d'um fraternal amor;
Mas o peito é altar
De tyranno e fero horror.

7.

Sustentaculo da Fé
Foi out'rora a Inquisição; (a)
Cravou-lhe punhal no seio
Maçonica geração.

(a) Foi grande o zelo, que o Sr. Cardeal Rei teve em que se conservasse em Portugal a pureza da Fé Catholica, pelo que poz em ordem o Tribunal do Santo Officio, que neste Reino tinha instituido o Sr. D. João III.; em consequencia deste zelo nasceo o grandissimo cuidado e vigilancia, que teve, para que as Nações do Norte inficionadas com a heresia, não mettessem em Portugal os seus Livros, que são as veias, por onde os Hereges communicão o seu veneno. E nesta materia mandava fazer nas Náos estrangeiras tão exquisitas pesquizas, que até os mesmos Hereges, que em Portugal tinhão commercio, puzerão nos seus Reinos prohibição, que nenhum mettesse os seus Livros, ou cousas tocantes á sua Seita, em Portugal. *Chronic. de Prov.* I. P. L. 2. Cap. 6. n. 4. Mas estas pesquizas não se fizerão nos tempos Liberaes, antes observámos o contrario.

8.

Dos Malvados no Catalogo
Receavão já estar;
E írem ao Santo Officio (a)
Ou tarde, ou cedo parar.

9.

Estavão desconfiados,
Já o rabo lhes ardia;
Com o medo das Casinhas
Todo o corpo lhes tremia.

10.

Nas cavernas infernaes,
Alli juntos em Sessões,
Clamavão: Ah! não existão
Jámais as Inquisições.

11.

Sacrilegios se commettão,
De crimes se cubra a terra,
Não tenhamos quem nos faça
P'ra punil-os dura guerra.

12.

Lá se cumprem os desejos;
O Decreto de extincção
Já nas Cortes se fulmina
Contra a Santa Inquisição.

(a) O meu Amigo A. das *Verdades Singelas* e dos *Parabens aos Portuguezes* dá nestes por causal de fulminarem o Decreto da extincção do Santo Officio o terem lá escriptos seus nomes; de nada disto duvido; mas não quero daqui concluir, que todos os Deputados fossem Mações; houverão muitos, homens de probidade, e amantes da virtude e Religião; mas é de notar a

13.

Os seus trastes são vendidos,
Suas Casas arruinadas; (*a*)
Então as acções mais torpes
São em Lysia practicadas.

14.

Sem Lei, Religião, sem freio (*b*)
Querem viver á vontade,
Querem ser horrendos monstros
E viver em liberdade. (*c*)

---

respeito d'estes, que ou se calavão, ou se fallavão, de ordinario erão apupados e desattendidos.

(*a*) As rendas das Inquisições, e producto dos trastes vendidos são applicados, bem como outros bens e rendas, para a extincção da *Divida Nacional*; mas apezar de tantos dinheiros, que no Erario entrárão, todavia nós vimos a Divida cada vez mais augmentada. Promettem conservar aos Empregados da Inquisição os meios ordenados; mas nem o que atrazado se lhes devia, das rendas, que das Inquisições se recolhêrão, se fez pagar; quanto mais dos meios ordenados. Tudo se chupou, mas não se sabe em que.

(*b*) O homem sem Religião, que, segundo a frase de *Young*, é tudo, e é Deosa, que desceo dos Ceos para consolar os infelizes mortaes, trazendo o mundo actual na mão esquerda, e na dextra o mundo futuro; sem ella, digo, e sem Lei engolfa-se mui contente no vasto pelago da devassidão, e já sem remorsos alguns se entrega a seus excessos; com os seus proprios vicios se mostra indulgente, não sentindo jámais os seus horrores. Aqui exclamo eu com *Young* (ainda que a outro respeito): Oh! arte abominavel, que os costumes estraga, desbota a nobre côr do pejo da natureza nas faces do homem, e dá-lhe outro semblante, que não sabe já córar de vergonha! Com effeito isto é o que aconteceo com os Liberaes esturrados; parece que tinhão a cara estanhada, não se pejavão de cousa alguma, ainda a mais infame.

(*c*) A Liberdade, que elles proclamavão, veio uni-

15.

Um theatro de attentados
Foi contra a Arca do Senhor
Portugal, qual França e Londres.
Estala as cordas o horror! . . (*a*)

16.

Ah! patifes! Descuberta
Está em fim vossa manha;
Inda assim sereis punidos;
Vêde o Riego na Hespanha (*b*).

---

camente a consistir na livre devassidão de costumes; e todos os escriptos tendentes a este fim, erão por elles approvados e elogiados; sirva de exemplo o infame *Retrato de Venus*, que depois de julgado em Coimbra pelos Jurados de impudico, foi revogada a Sentença destes, e por ordem superior mandado, *que corresse!* E se existisse Inquisição, aconteceria isto? . . .

(*a*) O furor, com que a Arca do Senhor é ha tantos tempos attacada, é causa de que a mão invisivel, que a sustenta, deve para nós já ser visivel. O Bispo de Londres em outro tempo se queixava de que a sua Diocese era o theatro dos attentados contra a Religião. Este theatro porém mudou de sitio, e a França, que vio a Religião defendida pelos seus grandes homens, vio-se coberta de perversos, que pretendem destruil-a inteiramente; impios Livros são publicados para este fim; estes chegárão á Peninsula, e o nosso Portugal se vê inundado delles; vindo entre nós a ter tambem assento o terrivel theatro de attentados contra a Religião; quaes os que se practicárão publicamente desde 24 de Agosto de 1820.

(*b*) Este auctor de tantas desgraças, que flagellárão a Peninsula, foi ultimamente sentenciado na pena ordinaria de forca, sendo arrastado pelas ruas publicas do transito, etc. Tomai, Constitucionaes, este pião á unha. Solta, homem Liberal, uma risada.

17.

Encrave-se até ao cabo
Um Catholico punhal
No seio Mação Heretico,
Origem de tanto mal.

18.

Mil Inquisições são poucas,
Mil vidas tambem não bastão,
Mil carrascos, e mil forcas
Inda os Mações não desbastão.

19.

E tu, homem Liberal,
Embusteiro charlatão,
Embora traga a peçonha,
Que te move o coração.

20.

Dos Nobres Inquisidores
Com a Sanfona vai rir;
Mas vê lá não sejas Mosca,
Que vás na calva caír. (*a*)

(*a*) Alludo á *Fabula* 54 de *Esopo*. = *O Velho e a Mosca*. = « Repousava á soalheira um Velho calvo, com a cabeça descoberta; e uma Mosca não fazia senão picar-lhe na calva: acudia logo o Velho com a mão, e como ella fugisse mui depressa, dava em si mesmo, do que a Mosca gostava e se ria. Disse o Velho: *Ride-vos embora de quantas vezes eu der em mim, que isso não me mata; mas se uma só vez vos acerta, ficareis morta, e pagareis o novo e o velho.* »

AO RISO IV.

Monachaes.

1.

EM B fa, meu Rabecão,
Tocarei, mas piú lento;
Quando não, lá vão as cordas,
Se for em ar violento.

2.

Não queiras deixar de fóra
Os illustres Monachaes;
Os Mosteiros são inuteis,
Os Frades prejudiciaes. (*a*)

3.

Mas vê dos Sabios o orgulho,
Todo o Egypto um só Mosteiro; (*b*)
A Thebaida se enche d'elles,
Do sangue fructo primeiro. (*c*)

(*a*) Assim clamavão os Liberaes.

(*b*) O Egypto foi antigamente o theatro da orgulhosa sabedoria. Os Sabios da Grecia ião lá mendigar luzes. O Egypto pois é povoado de Monges, e se torna de theatro da sabedoria, theatro da virtude e austeridade; finalmente um Mosteiro.

(*c*) Fallo geralmente da origem dos Monges pela occasião da terrivel perseguição de *Decio* no meio do Seculo III. BINGHAM, *Orig. Eccles*, Lib. 7. Cap. I. §. 4. Muito depois é que se instituirão as differentes Ordens de Religiosos, que hoje temos, como Conegos Regulares, Ordens Militares, Mendicantes, etc.

4.

No alto cume das virtudes
Vive a Monastica gente;
Assim logo em breve tempo
Se espalhárão pelo Oriente.

5.

Sua historia varios fados
Nos appresenta int'ressantes;
Dos Monarchas protegidos,
São á Patria relevantes.

6.

As letras e a Religião
N'elles encontrão escudo,
Tem sido uteis ao Estado,
E ha quem lhe deva tudo. (a)

7.

Nós as graças lhes rendamos,
Sejamos agradecidos;
Mordão-se embora esses vís,
Por Liberaes conhecidos.

(a) Nos tempos, em que as Sciencias, parece que fugirão da face da terra, os monumentos mais augustos da antiguidade achárão asylo entre os Monges, que tanto trabalho tiverão em nos conservarem estas preciosidades; tambem a elles se deve a reforma do Clero; e até pelo que toca ao Estado, nós os Conimbricenses habitamos terras, que devemos aos Monges de Lorvão, que sustentárão por meio da Agricultura os Exercitos de Castella, em quanto estiverão no cerco de Coimbra por espaço de quatro mezes. Não são tambem poucos os beneficios, que esta Cidade ainde hoje está devendo, e quotidianamente recebendo dos Monachaes; fallem varias familias indigentes.

8.

Devotos os Liberaes
São de mui impias Deidades;
São perversos, que nem amão
Ao menos no Altar os Frades. (a)

9.

Os Frades não são precisos,
Havendo Constituição,
Pois querem, que não existão
Ministros da Religião.

10.

Se á virtude e á honra Templos
Os Romanos consagrárão; (b)
Os seus Templos estes homens
Só ao vicio os dedicárão.

(a) *Bocage* no Soneto, em que descreve a sua figura e caracter, diz no 1.º Terceto:

Devoto incensador de mil Deidades
(Digo, de moças mil) n'um só momento;
E sómente no Altar amando os Frades.

Os Liberaes porém, em regra, inimigos do Altar, não podem dizer com *Bocage*; mas sim dirião, descrevendo a sua figura e caracter:

E nem mesmo no Altar amando os Frades.

(b) Os Romanos venerárão uma Deidade, a que chamavão *Virtude*, segundo nos dão testemunhos *Santo Agostinho* Liv. 4. de *Civit. Dei* Cap. 20.; *Lactanc. Firm.* Liv. 1. *Divin. Instit.* Cap. 20.; *M. Tul. Cic:* Lib. 2. *de Legib.*, e outros. Consagrou a esta Deidade em Roma um magnifico Templo *Marco Marcello*, como nos diz *Plutarcho*, *Valerio Maximo*, e *Tito Livio*,

11.

Com verdade se dizia:
« Lá vai a Religião,
Da Fé se apaga a chama
Co' a infernal Constituição. » (*a*)

12.

São Epicuros no intento;
Que ante Jove lá se prostrão,
Mas que impios no coração,
Seus inimigos se mostrão. (*b*)

---

juntando a este Templo o da Honra; por quanto é impossivel, como diz *Santo Agostinho*, entrarmos neste, sem passarmos por aquelle; vindo a ser o Templo da virtude a estrada real, que nos conduz ao magestoso Templo da Honra; d'outra maneira andaremos ás escuras, sem acharmos o verdadeiro caminho; em consequencia porém dos muitos contrarios, que tinha a Virtude, arruinou-se o seu Templo; *Vespasiano Augusto* (como adverte *Plinio*) o reedificou; aformoseando suas paredes *Cornelio Pino* e *Accio Prisco* com lucidas sombras de expressiva pintura. A Fortuna continuamente está armada contra a Virtude, e neste Templo se vião em engenhosos geroglificos as justificadas queixas, que a Virtude sempre tem contra a Fortuna; as quaes escreveo *Luciano*, se é seu o *Dialogo da Virtude e Mercurio*. Nos tempos Constitucionaes muito mais se augmentárão os motivos, de que ella podesse formar as suas queixas; seu Templo foi arruinado. Mas um Serenissimo MIGUEL e um Silveira o levantárão.

(*a*) O A. das *Risadas* diz a respeito dos Monachaes:

Dizem-lhe, affectando dor:
= Lá vai a Religião,
Acabou a caridade
Co' a infernal Constituição =

E se o dizião, não dirião uma verdade? . . . Já ninguem o duvida.

(*b*) Para evitar a objecção, que me poderião fazer,

13.

É quem duvida, que isto era
Jacobina sociedade,
De Libertinos, que querem
Viver á sua vontade? (a)

---

que a Constituição dizia, que a *Religião dos Portuguezes é a Catholica, Apostolica Romana*: servi-me deste pensamento, alludindo á exclamação de *Diocles*, que vendo *Epicuro*, o qual meditava o systema de nos curar do temor dos Deoses, dentro d'um Templo, rompeo nestas palavras: *Nunca me pareceo tão grande Jupiter, senão depois que a seus pés se prostrou Epicuro.* Os Constitucionaes virão, que era necessario prometter ao Povo a existencia da Religião Christãa, pois d'outra maneira serião logo feitos em pedaços; mas esta promessa era fundada na mentira, e suas vistas erão outras; o que se prova da questão, que houve, se seria a *unica*.

A Religião é a mais candida filha da verdade, bem como prole do mais puro amor; é della, que dimanão os sabbrosos fructos da Benevolencia; é della, que os dulcissimos favos da Esperança brotão; e finalmente é ella quem esparge sobre os mortaes o prazer e alegria. Mas em homens, que tem por condição a perversidade, a mentira, o vicio, a tyrannia; que só folgão com os males dos outros; que monstros um chuveiro de miserias lanção sobre seus similhantes, não lhe dando jámais um raio de esperança de melhoramento, excitando assim em todos o descontentamento, e fazendo correr em turbilhões dos olhos as lagrimas, misturadas com um sem numero de suspiros; de homens taes dizer-se-ha, que amão a Religião? Amão, mas é a irreligião; e para os olhos do ignaro Povo usão da superstição, a mais hedionda filha da tristeza, que tem o atrevimento de arrogar a si muitas vezes o nome de Religião, querendo trajar suas roupas, mas que não sendo para ella talhadas, lhe dizem mal ao corpo, e a fazem parecer ainda mais feia e vil. É por isso que os Constitucionaes em breve tempo derão a conhecer a sua hediondidade, e se tornárão tão vís, como odiados.

(a) O Auctor das *Risadas* diz, que os Monachaes

14.

Mandão-se tomar os trastes
A rol todos dos Conventos;
Até as sacras Imagens,
Que provas, que documentos! . . .

15.

Com o intento dos Siamezes
Dão entrada aos Telapões; (*a*)
Que ensinem aos Lusitanos
Mui infames Religiões.

---

dizião:

Que isto é Seita Jacobina,
Que se oppõem á caridade,
De Libertinos, que querem
Viver á sua vontade.

Com effeito dizião uma verdade, que evidentes e clarissimos factos tem demonstrado.

(*a*) Tomo aqui por Telapões certos homens impios, e perversos, aos quaes tanto beneficiárão os Constitucionaes, para que elles em seus escriptos e sermões nos dessem a beber o veneno da immoralidade. Telapões erão os Sacerdotes dos Siamezes, ou Povos de Sião, que tem por Deos a *Sommonokodon*; estes mandárão a ElRei Christianissimo uma secreta Embaixada; e a respeito d'ella diz *Bruyere*: « Se nos affirmassem, que o motivo secreto da Embaixada dos Siamezes foi excitar a ElRei Christianissimo a renunciar o Christianismo, e permittir a entrada de seu Reino aos Telapões, que penetrassem ás nossa casas para persuadirem sua Religião a nossas mulheres, filhos e a nós mesmos; com que risadas e extraordinario desprezo ouviriamos cousas extravagantes? . . . »

E não diremos nós tambem isto mesmo a respeito dos Constitucionaes e dos seus Telapões? . . .

Homem Liberal, disto é que te deves rir; mas se tu só queres rir, qual *Democrito!*

16.

Porém não querem que existão
Os illustres Monachaes,
Da pobreza amparo, abrigo,
Que suspendem tristes ais.

17.

Onde existe, ó Mãi da Gloria,
O teu DEOS, o teu thesouro? . . .
Estes vís roer querião
A tua carne, e o teu couro. . . .

18.

Irra! Os Constitucionaes
Chuchando por nosso mal
Grossas rendas, e vazio
O Thesouro Nacional! . . (a)

Qual Democrito rir vou meu bocado
De tanto Lusitano corcovado, etc.

PROSPECTO DAS RISADAS. *Soneto.*

Se eu agora me rir das tuas loucuras, tu deverás chorar, qual o chorão *Heraclito.*

(a) Diz o da Sanfona no *Riso* 4.º *Quadra* 18:

Frades de fartos impando,
Chuchando por nosso mal
Grossas rendas, e vazio
O Thesouro Nacional.

Esta Quadra applica-se guapamente aos Constitucionaes; por isso me quiz servir das suas mesmas expressões. A carapuça muitas vezes não é para quem se talha, mas sim para quem a poem.

19.

E ainda querião chupar
As rendas dos Monachaes? . . .
Querem um dardo tambem,
Os patetas liberaes? . . .

20.

O' Sanfona, figas, perro;
Cheirão-te mal os calções;
Limpal-os: que o Rabecão
Já desandou os bordões.

AO RISO V.

Abbades.

1.

JA' não posso mais conter-me,
Vou tocar em Elafá
Contra a Sanfona sinf'nias,
Que azeitada a tornará.

2.

Dos Abbades, dos Priores
Não te agrada Santa Mystica,
Que andas com mãos e com pés
Dos teus a caracteristica. (*a*)

3.

Se os odeias, não lhes falles,
Deixa-os estar no socego;
P'ra que desgastas a lingua? . . .
Forte cousa! eu te arrenego!

(*a*) A Sanfona no *Riso* 5.º *Quadra* 2. diz:

Não vez aquelle Prior?
Aquelle Abbade não vez?
Como se dobrão! Parecem
Que andão com mãos e com pés.

Eis aqui uma expressão, que depoem bem da boa lingua do A. das *Risadas*, e do grande respeito, que elle dedica aos Ministros da Religião.

4.

Quem tanto dá á t'ramela,
Ha de ter bom galardão:
As risadas da Sanfona
Para sempre lembrarão.

5.

Era bem justo, que Jupiter
Um grande premio te désse;
O que á lingua d'uma Lara
Fez outr'ora, te fizesse. (a)

6.

Mas se o premio inda não veio,
Não terás razão de queixa;
Os teus serviços sem paga
Elle de certo não deixa.

7.

Os Priores, os Abbades
São por ti achincalhados;
Mas talvez elles não fiquem,
Sem que sejão despicados.

8.

« Os Clerigos são uns Despotas,
Possuem rendas de mais;
Tenhão menos, haja córte »
Clamavão os Liberaes.

(a) *Jupiter intumuit, quaque est non usa modeste,*
Eripit huic linguam,

Ovid. L. 2. *Fastor.*

9.

Negro véo cobre a malicia;
  Um pretexto descubrindo:
  Vão com as fomes do Estado
  Seus intentos colorindo. (*a*)

10.

Mas a masc'ra já se rasga,
  Sendo agora castigados
  Pela ira d'uma Diana,
  Que os faz andar aluados. (*b*)

11.

No frenesi lá se assanhão,
  Querem de balde morder;
  Não podem o pão ganhado
  Ver aos Clerigos comer.

(*a*) O pretexto, que os Constitucionaes tomárão para fazerem tantas violencias e rapinas, foi a grande fome do Estado; mas esta fome parece, que era canina, pois nunca acabou, antes cada vez se augmentou mais. Porém que havia de ser, se quanto para o Erario entrou, era chufrado pelos famintos e sedentos Constitucionaes. Nesses tempos dizia eu comigo a respeito do Erario com *Marcial* L. 5. *Epigram.*

Semper eris pauper, si pauper es, Aemiliane;
Dantur opes nullis nunc, nisi divitibus.

(*b*) Como o frenesi dos Aluados acommette nas Luas, julgava-se ser castigo de Diana irritada; e por isso quando *Horacio* na *Art. Poet.* diz:

Ut mala quem scabies, aut morbus regius urget,
Aut fanaticus error, et iracunda Diana:

Por iracunda Diana se devem entender os Lunaticos.

12.

Na boca fizessem cruzes
Os Abbades e os Priores,
E fossem enchendo a pança
Liberaes Usurpadores.

13.

Ninguem tanto poz em practica
« Olho o que vê a mão pilha »
Como foi dos Liberaes
A torpe, infame quadrilha.

14.

Quaes Golões (*a*), abrindo as fauces,
Devoravão quanto vissem,
E muito embora os seus donos,
Tendo fome, se carpissem.

15.

Já sem medo de Uquang, monte (*b*),
A rapina exercitavão;
Té as gavias estendião
Onde os Deoses habitavão.

(*a*) Nas Regiões Septentrionaes apparece um animal, a que chamão *Golon*, o qual com estranha ambição do seu corpo quer estar continuamente renovando na voracidade das prezas os triunfos da garganta; pelo que depois de abundantemente ter devorado os cadaveres, que presou; e conhecendo-se repleto sobremaneira, procura duas arvores apertadas, onde se vai metter, para comprimir o ventre, lançar fóra o que nelle tem, e ir novamente enchel-o. *Olão Magno* Liv. 18 Cap. 7.

(*b*) Na Provincia Uquang da China dizem, que ha um monte tão zeloso e tenaz das suas cousas, que se acontece alguem usurpar dalli qualquer páo, ou

16.

Se de si de horror gelada
Os expulsa Sardinella ; (*a*)
Nada disso lhes faz móça ,
Nada vale , é bagatella.

17.

E são estes *Pais da Patria* ,
Elogiados Protectores ,
E do escravo Portugal
Heroes Regeneradores ? (*b*)

---

fructo , perde logo o tino , e como se estivera mettido em algum labyrinto , não póde sair daquelle sitio , sem que primeiro vá depôr o roubo no seu lugar. Refere *Kirquer* na *China Illustrada* pag. 174.

Era para desejar , que Lysia fosse nesta épocha um similhante monte.

(*a*) Sardinella é um bairro , que dizem haver ao Oriente de Damasco , que só admitte ser habitado por Catholicos , como escreve *Nieremberg.* de *mir. natur. in terra Haebreor.* Cap. 24 in fin. *Histor. Natur.*

(*b*) *Regeneradores* e *Pais da Patria* se appellidárão os Auctores da infernal Constituição de 1820 ; mas elles não forão mais , que impios flagellos , e tyrannos della. A Patria é nossa segunda Mãi , que nos cria , e a quem nós tantas obrigações devemos para a respeitarmos , defendermos e honrarmos. A respeito della disse *Santo Agostinho* Lib. 2. *de lib. arbitr.* , que ha de ter para com seus filhos titulo de Mãi ; e que bem como áquella pessoa , a qual a seus peitos nos creou , devemos obrigações nunca cabalmente pagas ; assim tambem á Patria devemos respeitos , a que sempre seremos obrigados. Esta obrigação e dever conheceo *Themistocles* , o qual tendo sido desterrado de Athenas , sua ingrata Patria , e vivendo na Persia assaz poderoso e favorecido do Monarcha *Artaxerxes* , antes quiz matar-se com veneno , do que pegar em armas , como lhe ordenava o *Persiano* , contra a sua Patria , da qual com justiça

18.

E querem, que os Padres préguem
O seu systema social! (*a*)
Póde dizer-se algum bem
De quem nos quer fazer mal?

19.

Os Saronides e Eubages (*b*)
Do Sagrado Sacerdocio,
Quando erguem a voz no Templo
É da Fé sobre o negocio.

---

estava aggravado; pois elle conhecia, que a obrigação do filho, ainda em taes circumstancias, é auctorizal-a, mas não opprimil-a, é accrescentar-lhe com emparelhado empenho de generosidade, como diz *Valerio Maximo* L. 2., o esplendor e a Magestade, ou ainda desviar-lhe com receber em si mesmo o nocivo do perigo, que ameaça. Mas os Auctores da Constituição de 1820 não seguirão este caminho, pois só a souberão flagellar, deslustrar e reduzir á extrema finança. Os factos assim o provão; entretanto querião passar por *Pais da Patria;* e daqui tiro um argumento, que prova a sua perversidade, e é que sendo elles filhos, o não reconhecem; pois querem que sua Mãi passe a ser sua filha, e que lhe seja sujeita.

(*a*) O A. da Sanfona diz:

A maior parte dos Santos
Abbades, Santos Priores
Prégão por força e por medo
Dos olhos espreitadores.
São poucos os Mecejanas
No Reino de Portugal,
Que a seus Freguezes expliquem
Os bens do Pacto Social.

(*b*) Entre os Celtas, os quaes habitárão tanto o Occidente, como o Norte da Europa, houverão os

20.

Por isso é que são Corcundas,
Malquistos dos Liberaes;
Mas a gloria só é d'elles;
Tremei, Constitucionaes.

Druidae, *Eubages* e *Saronides*, que erão Ministros da Religião, os arbitros de todas as disputas entre os particulares e os Mestres publicos da Nação. *Cesar de Bell. Gallic*, L. 6.: *Illi (Druidae) rebus divinis intersunt, sacrificia publica ac privata procurant, religiones interpretantur . . . de omnibus controversiis, publicis privatisque constituunt*, etc.

Tomo por tanto aqui por *Saronides* e *Eubages* os Ministros da Religião, os Pregadores e Mestres de Moral.

AO RISO VI.

Cabidos.

1.

JA' não ouço a tal Sanfona
Senão chiar como os Ratos,
Quando estão na Ratoeira
Toda cercada de Gatos.

2.

Mas lá ronca o Lib'ralismo:
« Haja no Orbe uma reforma,
O seu Auctor se aconselhe,
Apprenda de nós a norma. » (*a*)

(*a*) Os Liberaes querião passar pelos unicos verdadeiros sabios, e até me parece, que chegárão á louca intrepidez de *Affonso X.* de Castella, para pretenderem, que se acaso DEOS, quando creou o Mundo, os chamasse para o aconselharem, receberia mui excellentes dictames; e o Mundo teria outra face mais agradavel. Com effeito a loucura destes homens, mas ao mesmo tempo vestida das roupas da maldade, chegou ao maior auge. Seus desvarios são dignos, não de nos condoermos, como *Plinio* a respeito do homem, que se deixa dominar delles: *Quid infelicius homine, cui sua figmenta dominantur!* mas são dignos antes d'um *Récipe* de chicote e palhas, quando não seja de um medicamento mais forte.

3.

Assusta-se o mesmo Jove,
E treme o negro Plutão,
Que o seu Reino pois lhe tire
A infernal Constituição.

4.

Nada agrada aos Liberaes,
Tudo é corcundal negocio;
Desta marca não escapa
O mui sacro Sacerdocio.

5.

Contando com presa certa,
Clamão contra os Beneficios;
Dizem, que sómente servem
Para a mantença dos vicios.

6.

Querem que se parta o pão
Aos Nobres Beneficiados,
Aos Conegos, mais aos Bispos,
Que sejão todos quartados.

7.

Pois dizião que a Nação
Tinha as barbas empenhadas;
Mas agora que dirão,
Se as ventas tem esmurradas.

8.

ElRei é tambem quartado
No seu fausto e grandeza,
E toda a Real Familia
Taxada em sua despeza.

9.

Ah velhacos! Quem vos deo
Para tanto auctoridade?
Assim trataes a Divina
E Humana Magestade!!...

10.

Nas Aras de infame Numen
Jurão a tudo odio eterno,
Que prole não fosse d'elles,
E vinda do negro Averno.

11.

Querem reduzir a nada
Todo o Imperio Lusitano;
E a Igreja perseguir
Co' o furor mais deshumano.

12.

Qual foi Bruto, da virtude
São mui impios amadores,
Contra ella, como elle foi,
Perversos declamadores. (*a*)

(*a*) *Bruto* fez consistir toda a sua virtude no desordenado amor pela Liberdade; em consequencia, vendo que o partido de *Antonio* triunfava, chegou ao ponto extremo de desesperação; e proximo a matar-se, enfurecido contra a sua virtude, exclamou: *O' desgraçada virtude! Tu és só nome; e eu te servia, como se fosses realidade; mas experimento, que és a escrava da fortuna.* A um igual grão de desesperação chegárão os Constitucionaes nos ultimos paroxismos. Veja-se o Protesto, que se fez na ultima sessão das cortes. Mas como podem uns e outros dizerem, que servírão á virtude, se aquelle assassinou tão indignamente seu bemfeitor *Cesar*; e estes practicárão as acções as mais vis, infames e viciosas?...

13.

Muitos Conegos e Bispos
São por elles condemnados
A desterro, só por serem
De virtudes adornados.

14.

Mais crueis, que foi Ataces
Contra os Clerigos se armavão,
Se não vem a Cindazunda,
Das garras não escapavão. (*a*)

(*a*) No tempo, que o nosso Portugal tinha em Braga Rei dos Suevos, um delles, por nome *Hermenerico*, teve uma filha Catholica e de santos costumes, chamada *Cindazunda*; e porque entre elle e *Ataces*, Rei dos Alanos, que tinha então sua Corte em Coimbra, havia grandes guerras, deu-lha em casamento, ainda que *Ariano*, e grande inimigo dos Catholicos, em cujo poder estavão captivos muitos, e até os Bispos erão constrangidos a trabalhar nas Obras publicas, que fazia da Cidade de Coimbra, onde agora está, porque dantes em tempo dos Romanos era seu sitio em Condeixa a Velha, que segundo alguns declarão quer dizer *Coimbra deixada*. Foi este casamento de grande proveito para os Catholicos, principalmente captivos em Coimbra, porque esta Rainha fez que todos fossem livres, e se restaurassem as Igrejas em toda a Lusitania: por onde seu poder se estendia, como largamente escreve *Arisberto*, Bispo do Porto, Auctor destes tempos, em uma Carta para *Samerio*, Arcediago de Braga, aonde diz, que *Elipando*, Bispo de Coimbra, e outros Catholicos de grande conta, captivos na mesma Cidade, lhe mandárão dizer: *Quod sit illis bona spes, per conjugium Cindasundae filiae boni Hermenerici, quia fidelis, et bona Domina est.* E em outra Carta para *Pamerio*, Arcebispo de Merida, diz o mesmo *Arisberto*; *Quae cum Christiana, et fidelis esset cum marito*

15.

Não erão só os seus planos
Grossas rendas usurparem;
Mas da terra a todos estes
Para sempre exterminarem.

16.

Em quanto porém ás rendas,
Toma o pretexto a rapina
Da Divida Nacional,
Para elles cousa Divina.

17.

Mas os intentos só erão
As suas bolsas encher;
E muito embora a Nação
Pobre, estivesse a dever.

---

fecit, ne Catholicos Domini Episcopos, et Sacerdotes ultra persecutionibus maceraret, et qui in operibus laborarent, in libertate poneret. Concluindo, que para *Ataces* significar a perpetua concordia, que se estabeleceo entre os Alanos e Suevos pela Rainha, sua Esposa, a mandou pintar em uma taça, em que está de uma parte bebendo um Dragão verde, e da outra um Leão vermelho; porque ElRei dos Suevos tinha por armas um Dragão verde, e o dos Alanos um Leão vermelho; e esta é a verdadeira causa, por que a Cidade de Coimbra, onde se fizerão estas vodas, significadas por aquella taça, tem em seus muros, portas e edificios bem antigos, e por armas mui illustres (e da Camera) uma taça, onde se levantão a beber uma Serpente e um Leão, estando no meio uma Rainha, a qual é D. *Cindazunda*, Portugueza de grão virtude. *Jardim de Portugal* pag. 103 e seg.

18.

Qual vassoira varredora,
Que bem limpa o cisco todo;
Querem os bens dos Cabidos
Já limpar por este modo.

19.

Porém lá lhe dão nas ventas;
Que um Monarcha e seus Vassallos,
Um Pastor, um só rebanho
Vão trunfando em esmagal-os. (a)

(a) Quando assim me exprimo, quero dizer, que a Monarquia Portugueza e a Igreja não pereceráõ, mas sempre triunfando, esmagaráõ os impios, que se atreverem contra elles. Que o Imperio Lusitano se ha de sempre levantar com suprema, e perduravel Monarquia, canta o Doutor *Manoel Bocarro* na *Anacephaleosis da Monarq. Lusitan. Estad. I. Astrologico* Estancia 127 e seg. neste enthusiasmo:

Muitos pereceráõ, se não me engano,
Reinos do Mundo, o Pólo o significa;
Mas o famoso Imperio Lusitano,
Livre do occaso, eterno se amplifica.
O do Gentio, Mouro e do Ottomano,
Que incensarios a Lucifer dedica,
Sujeito ao forte Luso brevemente
Verás, que adora a Christo Omnipotente.
Verás um só Pastor, um só rebanho,
Que o successor de Pedro só proveja,
Nem na terra, nem no liquido estanho
Impugnará ninguem á Madre Igreja.
O ser de Portugal será tamanho,
Que o mundo todo só nelle se veja;
Emporio do Universo summo e grande,
Para que seu Monarcha todo o mande.

20.

Os vossos planos deixai,
Que são de vento torreões,
E tremei de quem vos faça
Largar na rua os calções.

AO RISO VII.

Magistrados.

1.

GUiusto, forte, e com brio,
Eia, Rabecão famoso,
Vamos o passo seguindo,
Que o assumpto é magestoso.

2.

Devem ser os Magistrados
Da Justiça os Sacerdotes;
Homens puros nos costumes,
Adornados de bons dotes.

3.

Homens, que tenhão consciencia,
Não da sucia Liberal,
Que administrem a Justiça,
Dando o seu a cada qual.

4.

A columna da Justiça
A Republica sustenta,
Do Reino é raiz da vida,
Que a Monarquia aviventa. (a)

(a) *Santo Agostinho de Civit. Dei 2. in Epist. ad Rom.* diz, que a columna, que sustenta a Republica, é só a Justiça; e *S. João Chrysostomo* lhe chamou raiz da vida do Reino.

5.

A Justiça é paz dos Povos,
Da razão fiel balança,
Dos desaforos o freio,
Da Republica a bonança.

6.

Inimiga dos perversos,
Contrária ao Liberalismo,
Que de Busiris nas Aras
Incensão o tyrannismo.

7.

Os Liberaes, feros monstros,
Só querem a liberdade,
De quanto lhe vem á mona
Fazerem bem á vontade.

8.

Seguem d'Hobbes o systema: (a)
Sua Lei é seu obrar,
A rapina seu direito,
Violencia o seu julgar.

9.

Inimiga da Justiça,
O deslustre das acções (b)
Sempre foi a violencia
E practica de ladrões.

(a) *Hobbes* no seu *Systema* não admitte verdadeira distincção entre justiça e injustiça: a força constitue o direito.

(b) *Cicero* na Oração *pro Caecina* assim descreve a violencia.

10.

São depostos por Corcundas
Os Ministros de bom porte;
Lá escolhem os que são
Da sua Lib'ral cohorte.

11.

Dão-se os premios merecidos
Por Ayace mui valente
A' vãa lingua fraudulenta
D'um Ulysses requerente. (*a*)

12.

Os Ministros desta casta
A negra vara empunhando,
Que Verres sustem nas mãos;
Vão a todos espancando.

13.

Mil devassas tem abertas,
Dão-se logo mil denuncias;
Não attendem á innocencia,
Sáem a torto as pronuncias.

(*a*) Morto *Achilles* na Guerra de Troia, alguns dos Capitães Gregos pretendêrão herdar as suas armas; por ultimo se reduzirão os pretendentes aos dois maiores competidores, *Ayace* e *Ulysses*. Aquelle era grande Soldado, destro, exercitado nas armas, e assás valente; *Ulysses* porém era sagaz e ladino, mas menos homem, que *Ayace*. Todavia apparecendo perante os Juizes, e expondo a sua justiça, *Ulysses*, ainda que menos merecedor, foi com attenção ouvido, e unanimemente acordárão em lhe serem entregues as armas. *Ayace* vendo a injustiça, que lhe foi feita, enlouqueceo, e ultimamente se matou. VIRG. Lib. *Aeneid.*, OVID. Lib. 13 *Meth.*, CLAUD. *Min. in Emb.* 28; HYGIN. Lib. I. Fab. 107.

14.

Leve suspeita sem prova
É um crime mui nefando,
A sentença se fulmina;
Vão a todos maltratando.

15.

De Nemesis a balança
Não servia então de nada;
A Justiça não tinha Aras,
Foi então mui aviltada.

16.

Onde se não dá Justiça,
Póde haver igualdade?...
Ou será tudo sem modo,
Será tudo crueldade!!... (a)

17.

Os Ephoros, e de Athenas
Os Ministros da inteireza, (b)
Não querem; p'ra si procurão
Vista grossa, p'ra nós f'reza.

(a) Proclamárão os Liberaes a *Igualdade*; mas se é verdade, que aonde se não dá Justiça, tudo é desigualdade, crueldade e tyrannia: *Justitia* (diz *S. Gregor.*) *si modum non habet, in crudelitatem vadit:* devião proclamar o contrario.

(b) Os Ephoros erão os Juizes de Esparta, e os Ministros de Athenas erão os *Areopagitas*; forão os symbolos da inteireza; e até estes não ouvião as Partes, senão com as janellas fechadas, para que a formosura, velhice, ou lagrimas os não podessem demover a torcer a Justiça.

18.

Os Magistrados inteiros
São Corcundas, não julgassem:
Da corcundice me admiro
Que os Escrivães escapassem. (a)

19.

Olho vivo, Magistrados,
Haja pois severidade;
Matar dos taes um Tyranno
Não offende a Divindade. (b)

20.

A vingadora Nemesis (c)
Virá os impios punir,
É então, que da Sanfona
Eu me fartarei de rir.

(a) Toca-lhe lá por casa.

(b) Matar um tyranno é fazer um grande serviço á Divindade, disse *S. Thomaz* 2. 2. *q.* 42. *art.* 2. *ad.* 3.; contra esta opinião forão *Fr. Agostinho Ancona*, no seu Liv. de *Potestate Ecclesiastica*, e *Felino* no Cap. *Cum nobis*; entretanto tem sido sustentada por outros; eu deixo no parecer do Leitor a avaliação della; e só digo, que ao menos se faz á Republica; e o *salus Reipublicae suprema lex est.* Mas eu fallo dos verdadeiros tyrannos, e não daquelles, que forão disso appellidados pelos Constitucionaes; elles é que o são.

(c) *Nemesis Dea est ultrix facinorum impiorum, bonorumque praemiatrix, arbitra rerum, Regina causarum.* Amiano Marcellino.

AO RISO VIII.

Fidalgos.

1.

ATtaca subitò; já
Cansado estou, ó Sanfona;
Mas em C menor ainda
Te vou quebrar essa mona.

2.

A Nobreza, a Fidalguia
São abonados fiadores
De mui bons procedimentos,
Da virtude resplandores.

3.

Quando a Arvore é mimosa,
Seus fructos mimosos são;
Altas Nobrezas dos Troncos
A Nobreza aos ramos dão.

4.

Os Fidalgos se envergonhão
De cousas indecorosas, (*a*)
Nobrecer o sangue mais
Querem com acções honrosas.

(*a*) *Euripedes in Alast.* disse, que a Fidalguia se envergonha de commetter cousas indecorosas.

5.

Das acções vís, indecentes
Assás se peja a Nobreza,
Da origem ao Tronco Illustre
Não quer ír levar vileza. (a)

6.

Ella dá o resplendor,
O brilhantismo á Nação,
Por isso odiada foi
Da infernal Constituição.

7.

Dos Corcundas no catalogo
Forão postos os Fidalgos;
A Diva Toga manchada,
Pelos vís Liberaes Galgos.

8.

Eis aquillo, que era nobre
Passa a ter-se por vileza,
Mas aquillo, que era vil,
Passa a chamar-se Nobreza.

9.

Aos Heroes da revol'ção,
Impios Monstros odiosos,
Dão-lhes nomes mui sublimes,
Nomes nobres e pomposos. (b)

(a) *S. João Chrysostomo sup. Mathaeum* diz, que a Nobreza se peja de acções indecentes ao tronco illustre da sua origem.

(b) O da Sanfona no *Riso* § *Quadr*, 10 diz a

10.

D'uma estriga, que arestosa
Já mui quasi podre estava,
Fazem nascer um Heroe,
Que os horisontes dourava. (a)

11.

É tido por homem Nobre,
(Disse pouco) por um Nume;
Nas Aras do Maçonismo
Lhe queimão o vil perfume.

12.

Grandes premios lhe decretão;
Passa a ser um Patriarcha,
Um portento, cousa rara,
Dos Monarchas um Monarcha.

13.

Já lá jaz na terra fria,
As contas estará dando;
Mas trema delle Plutão,
Que lhe usurpe o negro mando.

14.

Chorai-lhe a morte Lib'raes,
Carpi o Pai da vaccada;
Mas fugi do Rabecão,
Que lá vai forte uma arçada.

---

respeito dos Fidalgos:

Afeião com negras cores
Os nossos feitos briosos:
Aos Heroes da Independencia
Dão nome de revoltosos.

Os Fidalgos dando-lhe só este nome, ainda não dizião tudo.

(a) Adivinhação.

15.

De azurrague puche o Demo,
Nesses lombos dê com gana,
O estrondo forte resôe,
Qual os golpes de campana.

16.

Filhos do somno e da noite,
Torpes Irmãos do Deos Momo, (*a*)
A tudo pondes senão,
Não sabendo por que, e como.

17.

Quem entrou do negro Averno
Essa porta tenebrosa,
Atraz lhe é assaz difficil
Volver á Região umbrosa. (*b*)

(*a*) *Hesiodo in Theogonia*, *Cartario* Lib. *de Imag. Deor.* 313, e *Natal Comite* Lib. II. *Myth.* Cap. 22. dizem, que o Deos *Momo* é filho do somno e da noite, e que sendo elle de rude entendimento, e estragado gosto, nescio e ignorante de maneira tal, que nunca soube fazer cousa alguma, todavia a quantas obras visse necessariamente havia de pôr defeitos; e nota *Niverniense*, que não só os punha ás obras mais famosas dos homens, insignes Artifices, mas tambem ás dos mesmos Deoses; por quanto segundo diz *Luciano in Hermolin. Texto in Epitect.* verbo *Momo*, este Deos era opposto a todo o bem, e só propenso a motejar, aggravar e injuriar a todos já de palavras, já de obras. E como quadrão tambem estas idêas ao A. das *Risadas!!!*...

(*b*) — *Sate sanguine Divum*,
Tros Anchisiade, *facilis descensus Averno*;
Noctes atque dies patet atri janua Ditis!
Sed revocare gradum, *superasque evadare ad auras*,
Hoc opus, *hic labor est.*

VIRGIL. Lib. 6. *Aeneid.*

18.

Quem trajou infame capa
Do insensato Lib'ralismo,
Lá está na mesma regra,
Não sairá dêsse abysmo.

19.

Será trabalho escusado
Pretender um tal negocio,
Não póde querer virtude
Quem ao vicio ganhou ocio.

20.

Pois então fogo e mais fogo;
Tunda n'elles, Rabecão:
Mas descancemos agora,
Lá virá outra occasião.

PATEADA FINAL

A'

GARGALHADA DA *SANFONA*

SOBRE

O SOBORNO DE ELEIÇÕES;

E

CONTRA-BASSO EM RESPOSTA A' *SANFONA*.

1.

DAs Eleições o soborno
A Sanfona celebrou;
Porém o meu Rabecão
Sobre isto inda não tocou.

2.

Fui de novo encordoal-o;
Já afinei os bordões;
Por quanto é materia vasta
A materia de Eleições.

3.

Dei resina e mais resina,
Pois Allegro final é:
C maior fará sentir
O do, mi, sol, sol, si, ré.

4.

As arcadas no ferir
Fação écho d'alta bomba;
Fação ellas á Sanfona
Abaixar tambem a tromba.

5.

Os immundos Liberaes
Sempre são mui descarados;
Tem o estanho ao pé da cara,
Que são desavorgonhados.

6.

O vilissimo soborno
Das Eleições maquinárão,
E disserão, que os Corcundas
Forão os que o practicárão.

7.

Sem pejo, ou erubescencia,
Em que a virtude se embuça, (a)
Talhão aos mais quasi sempre
A, que lhes serve, c'rapuça.

8.

Espera um pouco, Sanfona,
Ouve o zurro das arcadas,
Não me chegues com os pés;
Tens inda as mãos amarradas! (b)

(a) *Diogenes* diz, que o pejo é a gala e a côr, de que a virtude se veste. *Cicero* lhe chama a guarda das virtudes; e *Terencio* diz, que a erubescencia, ou o pejo é a companhia de animos generosos e honrados.

(b) Uso desta expressão, porque estou á tremer da

9.

Não forão pois os Corcundas,
Que o soborno de Eleições
Promovêrão, mas sim forão
Os Liberaes, os Mações.

10.

Ao tempo se deo o tempo
De Varão prudente empenho, (*a*)
A anchora das esperanças
Do naufragio livra o lenho. (*b*)

11.

Sem que fosse por tal meio,
Nossos ferros se quebrárão,
Os Liberaes desesp'rados
Com as unhas se arranhárão.

Sanfona, que diz aos Corcundas:

Esta tropa de enchacocos,
Estas almas encharcadas,
Assentão, que os Liberaes
Tem inda as mãos amarradas?

(*a*) Dar tempo ao tempo, diz *Cicero*, ser empenho de Varão prudente; este empenho se verificou nos prudentes Varões, a que os Liberaes chamavão *Corcundas*; pois só depois de muitos insultos, e de verem o grande perigo, em que estava a Nação, é que se dispozerão a combater e distruir o systema Constitucional.

(*b*) As esperanças, segundo *Euripides*, são o doce manjar dos afflictos; este manjar é que nos conservou a vida, e o alento nos tempos Constitucionaes. Os antigos costumavão symbolizar o valor da esperança com uma anchora, a qual sustenta o procelloso embate das ondas contrarias, fazendo resistencia á violencia do naufragio; da anchora pois da esperança é que os Corcundas lançárão mão para resistir ás violencias do naufragio tão fatal, que amiaçava.

12.

Quando sentem estalada
Nos abysmos infernaes,
Das negras Furias os berros,
Alegrão-se os Liberaes.

13.

Errantes e vagabundos
Com mãos e pés pelo chão,
Procurão, mas já de balde,
A infernal Constituição.

14.

Já sepulta não resurge,
Deixai, loucos, vossa teima,
Não colhe azas, só de páo
Colherá vossa toleima.

15.

Eis de nada vos valeo
As tramoias do soborno;
A pezar das diligencias
Só achaes agora um c....

16.

O campainha da Irmandade
Foi a todos avisar,
Que em certo dia se havião
Os confrades ajuntar.

17.

Chegou o dia aprazado,
E juntárão-se em Sessão
Nos Palacios, onde habita
O Tartario Deos Mação.

18.

Tomárão os seus assentos,
As cer'monias começárão,
Barbas, Luvas, Aventaes
E tambem Mitras trajárão.

19.

O Chanceller, sendo feitos
Os zagatés do costume,
Recebe por um canudo
O Maçonico perfume. (*a*)

20.

Depois disto, e o mais que foi,
Fizerão as continencias
Os dois sabios Oradores
Com todas as reverencias.

21.

Ex abrupto, sem exordio,
Um d'elles lá principia:
« Meus Irmãos, está chegado
» Das Eleições já o dia. (*b*)

(*a*) Na *Noticia mais exacta da Descoberta da Loja dos Pedreiros Livres, e das suas Alfaias, em Coimbra*, impressa na Real Imprensa da Universidade, se faz menção deste traste Maçonico, proprio para o incenso.

(*b*) O A. das *Risadas*, querendo mostrar, que os Corcundas é que fizerão o suborno, os figura juntos em Consistorio, no qual o Fanatismo fallou da maneira seguinte:

« *Cáros Confrades, amigos*
» *Daquelles, que por vós rezão:*
» *Que supportaes tão enormes*
» *Corcundas, que tanto pezão.*

22.

» Inda os labios da virtude
» A muitos assucarando ,
» Faz com que este nosso Imperio
» Esteja assaz vacillando.

» *Creio , que é chegado o tempo*
» *D'uma santa redempção ;*
» *De outra vez pôrmos em pé*
» *A sagrada Inquisição.*

» *Se a nossa justa alliança ,*
» *Se a nossa Santa Cruzada*
» *Não triumphar desta vez ,*
» *E de todo anniquilada.*

» *Nós temos a porta aberta*
» *C'o Decreto da Eleição ;*
» *Temos á testa o suborno*
» *Da nossa heroica Legião.*

» *Caio-nos no mel a sopa :*
» *Eia , fiel servilismo :*
» *E' preciso a todo o custo ,*
» *Entornar o Despotismo.*

» *Em quanto elle jaz por terra ,*
» *Nós aviltados bramamos ?*
» *E de que serve existir ,*
» *Se os Liberaes não calcamos ?*

» *As nossas Aras desertas ,*
» *Por esta nova mania ,*
» *Vão-se despindo de off'rendas*
» *Da devota Hypocrisia.*

» *Que podemos nós fazer*
» *Sem rapina , sem usura ?*
» *Sem monopolio e sem fraude*
» *Que val a nossa impostura ?*

23.

» É preciso ter cautela
» Na escolha dos Deputados,
» Se não forem cá da sucia,
» Nós vamos a ser calcados.

24.

» Aqui se fação bilhetes,
» Em que nós só pôr devemos
» Os nomes de nossos Mestres,
» E dos mais, que escolheremos.

25.

» Não esqueça pôr na lista
» Nosso illustre Patriarcha;
» É mui capaz, pois outr'ora
» Foi Barqueiro, teve Barca.

» E' preciso attacar fortes
» A fatal Constituição,
» Antes que ella se enraíze
» Pelo geral da Nação.

» Vamos subornar os votos
» Para os novos Deputados:
» Vamos ser por nossos socios
» Nas Cortes representados...

» Se de cara descoberta
» Contra essa chusma inimiga
» Não podemos combater,
» Vamos manejar a intriga.

» Se tivermos mór partido
» Na nova Legislatura,
» Temos conseguido a entrada
» Dessa praça mal segura.

26.

» Haja tambem um, que marre,
» Quando não poder já mais:
» E um de nossos Oradores
» Ex-Frade não approvais?

27.

» Esse, que borra c'o gís
» N'uma taboa envernizada,
» Ha de ser lá necessario,
» Pois sabe bem a Taboada.

28.

» Não deve ficar de fóra
» O nosso santo Paisinho,
» De nós outros a Diva Honra,
» O mais illustre Fradinho.

29.

» Entre tantos santarrões
» Será bom haver um Mouro;
» N'estes e outros similhantes
» Eu voto, senão estouro.

30.

» Ficando estes Deputados,
» Campa o nosso Lib'ralismo,
» Bem de pressa nós veremos
» A Lei, que mande o Ostracismo. (a)

(a) A Lei do Ostracismo era uma Lei Atheniense, pela qual a titulo de segurança da liberdade da Republica todos os annos desterravão de Athenas os varões mais insignes, ricos e poderosos da Cidade.

31.

» Nossas unhas cresceráõ,
» Teremos então ventura,
» Luziráõ as nossas barbas
» Co' a mui gordurenta untura.

32.

» Nós teremos livre entrada
» Nos Palacios mais sagrados,
» Suas joias, seus thesouros
» Eis serão por nós mammados.

33.

» As Clausuras violadas
» Serão das Lusas Vestaes;
» Daremos cabo dos Frades
» Mendicantes, Monachaes.

34.

» Contra o Altar, contra o Throno
» Nossa força levaremos:
» Da terra a Religião
» Para sempre riscaremos.

35.

» Em tilhas se faça o d'ouro
» Vestido de santidade, (*a*)
» Que de Beseleel é obra:
» Finde a doutrina e a verdade.

(*a*) Alludo á Santa vestidura, de que falla o *Exodo* cap. 28 vv. 15 e 30; e o *Ecclesiastico* cap. 45 v. 12.

36.

» Co' as do ultimo Sacerdote
» Sacras tripas venerandas
» O ultimo dos Reis se enforque;
» Andará tudo em bolandas.

37.

» Não se perca um só momento;
» De nossas listas milhares
» Espalhem os Apprendizes
» Nas Cidades e Lugares. »

38.

Terminou assim a arenga
Do pestifero Orador;
Logo todos approvárão
Seu parecer de Doutor.

39.

Milhões de listas fizerão
Na fórja do Lib'ralismo,
Com registo d'impio Lucifer,
Rubrica do Maçonismo.

40.

Partem logo postilhões,
Que todas ellas espalhão;
Diligentes no suborno
Contra os Corcundas lá ralhão.

41.

Chega o dia de Eleições;
Os Espiões espreitadores
Mui esquentados na busca
São das listas revisores.

42.

Se não erão lá da sucia,
Todas as listas rasgavão;
Mas se algum lhes fosse á belfa,
De Corcunda o appellidavão.

43.

Das Eleições até no acto
Era tudo só gralhida,
Do Templo se fez Açougue,
A rev'rencia foi perdida.

44.

É Corcunda, não se tome,
Tem milhares de defeitos,
Clamavão a cada passo,
Suscitando-se mil pleitos.

45.

Por um nome punhão outro;
Os riscos se duplicavão,
As mesmas listas já duas,
Ou mais vezes apuravão. (a)

46.

São tudo illegalidades,
Subornos nas Eleições;
Que mais esperar deviamos
Dos Liberaes e Mações!!...

(a) Eu vi uma Carta, em que se dizia, que n'uma Assemblêa Eleitoral de certo Lugar só as mulheres faltavão; mas em falta dellas se repetirão as mesmas listas duas vezes.